

Anões mentais

Walter Longo

A relação das grandes obras com as grandes falcatruas criou no cidadão brasileiro uma desconfiança a priori de tudo que é pensar grande.

Nós apequenamos, aprendemos a pensar pequeno, a construir um puxadinho no quintal em vez de construir uma casa nova. Muita gente pensa que isso é resultado da falta de recursos, mas só se for de recursos mentais.

Quem vai a Istambul entende que recursos vêm atrás dos objetivos, e não na frente.

Acho ótimo o Projeto Cingapura, mas daí a aplicar o modelo para construir o país é uma enorme distância.

Não posso crer que o mesmo povo que construiu o Parque do Ibirapuera, que rasgou a cidade com a 23 e Maio, que transformou uma plantação de chá no Vale do Anhangabaú esteja hoje reduzido a tapar buracos e trocar vidro de janela de escola.

A visão assistencialista, distribuindo vale-leite não leva o país a nada. Enquanto na Ásia, edifícios de 250 andares são construídos para chamar a atenção do mundo, aqui a pista de descida da Imigrantes é considerada um luxo acima das nossas posses. Essa mentalidade de pigmeus não levará o país a lugar nenhum.

O remendo assumiu o lugar das grandes obras. As pequenas obras transformaram-se em monumento de orgulho.

Faz-se festa com direito a palanque e discurso por 60 automóveis que se somam a frota sucateada da PM de São Paulo, uma das três maiores cidades do mundo, e uma das mais violentas.

Pede-se patrocínio da iniciativa privada para conservar canteiros de avenidas, com direito a cartaz plantado junto com azaléas.

Os buracos nas ruas e calçadas fizeram o brasileiro olhar para baixo, e não para a frente. Perdeu-se a visão de futuro, e da verdadeira dimensão do país. Estamos transformados em anões mentais, reduzidos a uma existência desconfiada, medíocre, contentes em receber um prato de comida no alpendre, enquanto os outros se empanturram na sala de jantar.

Terceiro mundo não é um condicionamento econômico. É mental.

Tínhamos sonhos de grandeza na época da mais ferrenha ditadura. Agora que somos donos de nosso destino, não sabemos o que fazer com ele.

Por quê almejamos a vida eterna se não sabemos o que fazer num domingo a tarde?

O achincalhe, a gozação, a falta de compostura, tudo que denigre e avacalha passou a ser valorizado. Do malandro carioca passamos a exaltar o cafajeste de Guarulhos.

Lições de moral com linguagem chula ministradas pelo Fausto Silva, e a beatificação inquestionada do Betinho são exemplos claros de uma indigência mental que toma conta do país.

Em vez de construir um Brasil novo, estamos apenas fazendo um "puxadinho" no quintal.

Talvez muito pouca gente veja alguma relação entre as letras chulas dos Mamonas e a pichação dos monumentos da cidade. Eles se unem na formação da República da Esculhambação. É o Casseta e Planêta no horário nobre, orelhões destruídos, banheiros imundos nos aeroportos, marmanjos passeando no Shopping com camiseta regata,

capanga na cintura e chinelo de dedo, bêbado dormindo na escadaria do Municipal durante a entrada dos convidados para a entrega do Prêmio APCA, cachorro descendo para passear pelo elevador social, etc.

Não procuro defender a rigidez social que se verifica no Chile, nem a atitude esnobe estampada nas roupas de quem caminha na Calle Florida em Buenos Aires. Dizem que argentino quando vai ao Motel pede cabide para pendurar o terno.

O Brasil é diferente e será sempre mais relaxado, informal, descontraído. Mas nada justifica o cartaz escrito a mão e colado na portaria principal de Ministério em Brasília: Por Favor Indentifique-se. Que o analfabeto com volúpia de servir escreva, tudo bem. Mas que o letrado passe pelo cartaz e deixe, aí está o problema.

Em nome do social, abandonou-se o senso estético, quando nada é mais social que a harmonia visual.

A tolerância é o primeiro passo para a decadência ou para a redenção. Depende do que se entende por tolerância.

Não se faz um país grande sem se dar importância aos detalhes.

Em Copacabana, os camelôs arrancam as pedras que formam o famoso mosaico das calçadas para enterrar as estacas das barracas. Quando vão embora a noite, deixam a avenida da praia com milhares de buracos que são saltados como obstáculos pela população que se exercita pela manhã. Sem revolta, nem indignação, tudo continua como dantes, como se isso fosse normal. É bem verdade que a sede da Prefeitura é conhecida como Piranhão, mas mesmo a atitude histriônica do Prefeito não justifica a falta de respeito pela Cidade Maravilhosa.

Os mais xenófobos e bairristas do sul culpam a nordestização das grandes capitais como responsável pelo fenômeno.

É verdade que quem vai ao Largo de Santo Amaro em São Paulo é capaz de jurar que está no Mercado São José de Recife. Mas daí a ter uma visão simplista do problema vai uma grande distância.

"Nós não estaríamos aqui, se vocês não estivessem ido lá"

Ondas migratórias de qualquer natureza tem ajudado muito a piorar a qualidade de vida dos grandes centros. É assim com os argelinos em Paris, os hindus em Londres e os porto-riquenhos em New York.

A razão desse fenômeno tem menos a ver com o nível de educação dos recém-chegados, e mais com o problema do senso de pertencer. Ninguém destroi algo que lhe pertence. E os imigrantes não se sentem parte do micro-ambiente. Por isso, cuspir no chão, fazer buraco na calçada, ou jogar lixo na rua faz parte da natureza do transitório. Quando somos turistas em algum lugar exótico do mundo temos um comportamento e postura muito mais relaxada que no lugar em que vivemos. Com eles não poderia ser diferente.

A educação também influencia muito, e o berço ainda exerce um enorme impacto no ser social. Mas a mesma pessoa que se comporta de maneira incivilizada nas ruas, é o mesmo que se transforma num cidadão de primeiro mundo quando desce aos subterrâneos e entra no Metrô de São Paulo ou Rio. Ordeiro, comportado, silencioso e assiado, basta sair da boca do Metropolitano do outro lado da cidade para retomar seu comportamento esculhambado rotineiro. Essa aparente esquizofrenia revela a capacidade de adaptação que qualquer um de nós tem ao meio em que estamos inserido.

Respeitar para ser respeitado ainda é uma realidade mais que uma frase de efeito. E nada como um lugar limpo, organizado e seguro para transformar o comportamento das pessoas.

Fico sempre com a sensação que ninguém nota o que está acontecendo. Só eu. Passo a achar que não foi o em volta que piorou,

e sim eu que passei a ter um olhar mais crítico e intransigente. Mas quando toco no assunto com qualquer pessoa, imediatamente a revolta se manifesta. Ela está lá, latente, em qualquer um que ama e respeita o lugar onde vive.